

## **ATUAÇÃO DAS MULHERES NEGRAS NA ARQUITETURA MODERNA DO SÉCULO 20:**

estudo de obras brasileiras de Georgia Louise Harris Brown

*BLACK WOMEN'S PRESENCE IN 20TH – CENTURY MODERN ARCHITECTURE: study of the Brazilian works of Georgia Louise Harris Brown*

*LA PRESENCIA DE LAS MUJERES NEGRAS EM LA ARQUITECTURA MODERNA DEL SIGLO 20: estudio de las obras brasileñas de Georgia Louise Harris Brown*

**Eloah Maria Coelho Rosa**

*Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Bolsista Pibic CNPq, eloahmaria2@outlook.com*

**Ruth Verde Zein**

*Professora Doutora Arquiteta, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Bolsa Produtividade em Pesquisa CNPq 1C, ruth.zein@mackenzie.br*

### RESUMO

A arquitetura brasileira atual é herdeira da arquitetura moderna do século 20, por conta da sua importância e influência na arquitetura contemporânea; no ensino das universidades, as disciplinas de Teoria da História da Arquitetura e Urbanismo enfatizam esse legado e relevância, amparado em livros referenciais que apresentam um panorama com alto grau de reiteração na menção de algumas obras e autores, quase sempre com ausência de exemplos significativos realizados por autores e autoras pertencentes às minorias sociais. Este artigo busca colaborar no reconhecimento e estudo de obras da arquitetura moderna realizadas por alguns desses profissionais invisibilizados pela historiografia corrente e do século passado, com foco na atuação de mulheres arquitetas, e em especial, das mulheres arquitetas negras, que atuaram no Brasil do século 20. A presente pesquisa busca ampliar essas referências para além das já debatidas, e valorizar a atuação das mulheres negras, que também foram responsáveis pela construção da arquitetura brasileira moderna.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arquitetura moderna; mulheres negras; visibilidade; resgate histórico; reconhecimento

### ABSTRACT

*Brazilian architecture today is the heir of 20th century modern architecture, because of its importance and influence on contemporary architecture; in university teaching, the courses of History of Architecture and Urbanism emphasize this legacy and relevance, supported by reference books that present a panorama with a high degree of reiteration in the mention of some works and authors, almost always with the absence of significant*

*examples made by male and female authors belonging to social minorities. This paper seeks to collaborate in the recognition and study of works of modern architecture by some of these professionals invisible by current historiography and the last century, focusing on the work of women architects, especially black women architects, who worked in Brazil in the 20th century. The present research seeks to expand these references beyond those already discussed, and to value the work of black women, who were also responsible for the construction of modern Brazilian architecture.*

**KEYWORDS:** Modern architecture; black women; visibility; historical rescue; recognition

#### RESUMEN

*La arquitectura brasileña es hoy la heredera de la arquitectura moderna del siglo XX, por su importancia e influencia en la arquitectura contemporánea; en la enseñanza universitaria, los cursos de Historia de la Arquitectura y del Urbanismo destacan este legado y relevancia, apoyados en libros de referencia que presentan un panorama con un alto grado de reiteración en la mención de algunas obras y autores, casi siempre con la ausencia de ejemplos significativos realizados por autores y autoras pertenecientes a minorías sociales. Este trabajo pretende colaborar en el reconocimiento y estudio de las obras de arquitectura moderna de algunas de estas profesionales invisibilizadas por la historiografía actual y del siglo pasado, centrándose en el trabajo de las mujeres arquitectas, y en particular, de las mujeres arquitectas negras, que trabajaron en Brasil en el siglo XX. Esta investigación pretende ampliar estas referencias más allá de las ya comentadas, y valorar el trabajo de las mujeres negras, que también fueron responsables de la construcción de la arquitectura moderna brasileña.*

**PALABRAS CLAVES:** Arquitectura moderna; mujeres negras; visibilidad; rescate histórico; reconocimiento

## INTRODUÇÃO

Os historiadores de arquitetura têm tradicionalmente evitado o tema da raça. Quando eles reconhecem o assunto, muitas vezes desconsideram seu significado, ou o colocam fora dos limites aceitos. (CHENG, DAVIS II, WILSON, 2020, p.3, tradução nossa).

O presente estudo é parte do projeto de pesquisa "Arquitetura Moderna no Brasil: Revisões Historiográficas" (ZEIN, 2020) cujo objetivo foi dar subsídios para questionar criticamente a formulação das narrativas historiográficas canônicas. Nessa pesquisa buscou-se verificar, por meios quantitativos e qualitativos, como uma parte significativa dos livros de maior prestígio sobre a história da arquitetura e urbanismo moderno no Brasil, que são amplamente utilizados como fontes bibliográficas no ensino e pesquisa, apresentam uma relativa ausência de amplitude e diversidade nas obras e profissionais que mencionam, colaborando para a construção e reiteração de um "cânon", relativamente limitado e excludente, em termos de distribuição geográfica, gênero e raça (ZEIN, 2022).

Durante essa pesquisa os participantes discentes e docentes foram estimulados a conformar estudos de caso específicos, seja questionando as premissas e conclusões das narrativas canônicas, seja ampliando seus limites. Este artigo procura trazer os resultados desses estudos<sup>1</sup>, cujo foco foi a busca de referências sobre a atuação de mulheres arquitetas no panorama da arquitetura moderna brasileira, com especial ênfase nas mulheres negras, visando ampliar o reconhecimento de sua presença e contestar a invisibilidade dessas profissionais na construção da profissão de arquiteta e urbanismo no Brasil.

A tarefa não é apenas ampliar o cânon, mas também questionar e tornar visível como a raça afeta os processos constitucionais de coleta, valorização de narrativização histórica (CHENG; DAVIS II; WILSON; 2020, p.10, tradução nossa).

Para identificar essas profissionais foi realizado um levantamento preliminar, em algumas fontes disponíveis digitalmente<sup>2</sup>, de nomes de arquitetas mulheres e de suas obras arquitetônicas situadas no Brasil e realizadas no século 20, buscando identificar autoras pertencentes às minorias sociais, com foco específico na valorização das obras realizadas por arquitetas negras. A partir dos nomes de mulheres arquitetas encontrados no levantamento realizado, buscou-se maiores informações sobre essas arquiteturas e suas autoras, para identificá-las, reconhecê-las e permitir sua integração às referências já existentes.

Ainda que os dados encontrados sobre mulheres arquitetas negras, nesse levantamento preliminar, sejam exíguos – justamente devido às condições de apagamento das memórias sobre a atuação das arquitetas, em especial arquitetas negras – entende-se que essa pesquisa, e o presente artigo, possam colaborar para a ampliação e aprofundamento de novas pesquisas sobre o tema. Espera-se também que esses estudos possam ajudar nos processos de identificação de alunos e alunas negras dos cursos

de arquitetura e urbanismo, estimulando um sentimento de pertencimento e participação histórica, além do interesse em participar e liderar futuras pesquisas.

A pesquisa partiu da hipótese de que haveria poucas informações disponíveis, possivelmente devido à pouca importância dada à produção profissional de arquitetas e arquitetos negros. Assim, tanto a presença como a ausência de dados poderiam confirmar a validade ou não dessa hipótese. De fato, foram encontrados apenas alguns poucos resultados iniciais sobre a atuação profissional de arquitetas negras; o que, por outro lado, confirma sua efetiva presença na arquitetura moderna no Brasil do século 20. O enfoque interseccional de gênero e raça ainda não é amplamente considerado nas pesquisas sobre a arquitetura moderna brasileira. Essa escassez corrobora e enfatiza a necessidade de prosseguir realizando levantamentos mais amplos e sistemáticos focados, especificamente, nas arquitetas brasileiras negras, e suas obras.

## **RAÇA E GÊNERO NA PESQUISA SOBRE ARQUITETURA E URBANISMO**

Atualmente já está em curso, através de várias iniciativas, o resgate da atuação das mulheres arquitetas em geral, e das arquitetas negras em especial. Entretanto, após uma varredura de campo inicial, constatou-se que a maioria dessas pesquisas tem como foco a obtenção e sistematização de informações sobre a atuação de arquitetas contemporâneas, trabalhando o reconhecimento das profissionais presentes e atuantes no século 21. Trata-se de um enfoque de grande relevância, mas entende-se também ser necessário valorizar e promover a visibilidade das arquitetas negras veteranas e pioneiras atuantes ao longo do século 20.

A necessidade de estudos sobre a importância de se ampliar o conhecimento das mulheres arquitetas, fazendo frente à sua recorrente invisibilidade é reafirmada por Zaida Muxi no livro “Mujeres, Casas y Ciudades”:

Apresentar uma história das arquitetas não é uma tarefa fácil porque enfrenta a rejeição de quem considera que a história já está bem contada como está, e que se não há mulheres é porque simplesmente não deram contribuições valiosas. Mas não é esse o caso, já que a construção da história é sempre baseada em premissas influenciadas pela pessoa que a escreve, pelo seu contexto, pela sua formação cultural e pela sua experiência de vida e, a partir destes preconceitos, é que se determina o que é válido e o que não é. [...] A construção da narrativa arquitetônica partia de uma série de características que tornaram invisível a atividade das arquitetas. Isso tem a ver com alguns mecanismos gerais de construção da história promovendo o mito da criatividade e tendendo a enfatizar apenas figuras masculinas (MUXI, 2018, p.262-3, tradução nossa).

Nesse sentido, é fundamental a realização de novas pesquisas que contribuam para uma pluralização do reconhecimento da arquitetura moderna brasileira do século passado. Dentro desse objetivo, é importante

conhecer e significar a participação feminina e negra na produção arquitetônica, inclusive ultrapassando apenas a menção biográfica, e adentrando no estudo crítico da sua produção profissional.

Esses caminhos de abordagem de pesquisa crítica, e seus resultados, tendem a questionar a relação entre a história e a historiografia da arquitetura. Sabendo que a história são os fatos, e a historiografia, a forma como esses fatos são tratados sob a perspectiva do contador (WAISMAN, 2013), o tema da raça e gênero na arquitetura e urbanismo vão trazer à luz a perspectiva dos "grupos sociologicamente considerados minoritários" (ALMEIDA, 2020, p.31), e seu papel profissional nesse campo.

[...] parece óbvio repetir que tudo o que aconteceu na vida de um grupo humano constitui, igualmente, sua história; haverá momentos mais felizes, outros mais difíceis e obscuros, porém é o conjunto de experiências que forma um país, sem excluir nenhuma delas. Não faz nenhum bem a uma comunidade esquecer passagens de sua própria história, às vezes dolorosas e terríveis. A arquitetura, como as cidades, são testemunhos de todas essas etapas e, como tal, participam da condição de uma herança histórica inevitável (WAISMAN, 2013, p.196).

Assim como em toda a sociedade brasileira, dentro das universidades, no ensino e na pesquisa, são cotidianamente reforçadas (nem sempre de maneira consciente, mas sempre de maneira constante) uma percepção de mundo em que é escasso o debate das muitas contribuições importantes de negros e negras para a história, literatura, ciência e afins. Quando o tema da raça é trazido a debate, em geral as manifestações se resumem a comemorar a "libertação", como se esta derivasse apenas da bondade de brancos conscientes, e não da luta das comunidades negras (ALMEIDA, 2020, p.65).

Para identificar as mulheres arquitetas, em especial as mulheres negras atuantes na arquitetura e urbanismo no século passado, foram escolhidas algumas fontes iniciais de pesquisa. Para esta etapa, foram realizadas varreduras nas revistas Acrópole (São Paulo, 1938 – 1971) e Casa & Jardim (Rio de Janeiro, 1966 – 1992). Ao todo foram encontradas mais de 300 referências à profissionais mulheres, número baixo se comparado com a quantidade de referências masculinas ao longo das edições dessas publicações. Esse número diminui drasticamente nas referências a mulheres negras referenciadas. Nessas fontes foram identificadas, com menções explícitas, somente uma: a paisagista Carlota de Macedo Soares, (Revista Acrópole, março de 1967), cujo nome comparece abreviado, sendo identificado graças ao conhecimento prévio das autoras.

A dificuldade para encontrar os nomes dessas profissionais arquitetas negras se deve também à questão da atribuição da autoria dos projetos e construções. No período estudado (século 20, no Brasil), é frequente a menção a somente um autor, em geral homens brancos de maior prestígio e capital social. Entretanto, um projeto de arquitetura raramente é feito por um indivíduo isolado, menos ainda no caso de construções de grande porte (indústrias, hospitais etc.), geralmente projetadas por equipes com vários profissionais envolvidos, cujos nomes raramente eram publicados, ainda que fosse como colaboradores. Uma parte ainda não definida

desses colaboradores foram mulheres, e algumas delas, possivelmente, mulheres negras. Assim, para reconhecer e resgatar essas profissionais mulheres, de maneira a incluí-las nas construções das narrativas históricas, é importante também debater a questão da atribuição da “autoria única”, que eclipsa a participação dos demais membros das equipes de projeto e, em especial, embora não exclusivamente, das mulheres. Como esclarecem os professores pesquisadores arquitetos Eva Álvarez e Carlos Gomez, “O sexismo e a questão da autoria não afetam apenas o presente, mas também distorcem o passado” (ÁLVAREZ; GÓMEZ, 2017, tradução nossa).

Essa invisibilização não é somente um problema historiográfico. Ela é também a manifestação de uma exclusão que foi normalizada (ou considerada como “natural”, embora de fato se fundamente em prática sociais hierarquizadas), desde os séculos anteriores, seguindo vigente por inércia e ausência de reflexão. Por isso, inclusive no estudo de épocas passadas, é sempre necessário questionar, onde estão as mulheres? Onde estão os indígenas? Onde estão os negros? e buscar debater esses temas nas nossas vivências e estudos. Essas perguntas não são secundárias, e precisam ser ativadas, como afirma Djamila Ribeiro:

É importante ter em mente que, para pensar em soluções para uma realidade, devemos tirá-la da invisibilidade. Portanto, frases como “eu não vejo cor” não ajudam. O problema não é a cor, mas seu uso como justificativa para segregar e oprimir. Vejam cores, somos diversos e não há nada de errado nisso – se vivemos relações raciais, é preciso falar sobre negritude e também sobre branquitude (RIBEIRO, 2019, p.30).

Como afirma Silvio Almeida (2020), sendo o racismo uma forma de discriminação baseada na raça, que resulta em desvantagens ou privilégios de acordo com o grupo racial de cada indivíduo, sobre a mulher negra as opressões incidem triplamente, o racismo, as opressões de classe e gênero. Os estudos sobre essas minorias devem incorporar, portanto, o conceito de “interseccionalidade”. Segundo Carla Akotirene:

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado, produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais (Akotirene, 2020, p.19).

Entende-se que reconhecer e incluir os assuntos de feminismo, feminismo negro e luta antirracista é uma forma de combater as desigualdades que, apesar históricas, seguem sendo renovadas diariamente. Segundo Marina Waisman “resistir é permanecer para defender o que se é” (WAISMAN, 2013, p.98), e a resistência se estende para a reexistência para “restituir humanidades negadas” (XAVIER apud RIBEIRO, 2020, p.22).

Pensar em feminismo negro é justamente romper com a cisão criada numa sociedade desigual. Logo, é pensar em projetos, novos marcos civilizatórios, para que pensemos um novo modelo de sociedade. Fora isso, é também divulgar a produção intelectual de mulheres negras, colocando-as na condição de sujeitos e seres ativos que, historicamente, vêm fazendo resistência e reexistências (RIBEIRO, 2020, p.14).

Além da invisibilidade feminina e negra, também foram debatidos ao longo da pesquisa os processos historiográficos relacionados à construção das narrativas sobre a arquitetura moderna no Brasil. Marina Waisman propõem a necessidade da revisão da história da arquitetura na América Latina a partir da conexão com a nossa realidade:

Este trabalho nasceu da convicção de que, com instrumentos de conhecimento forjados nos países centrais, corremos o risco real de nos equivocarmos ou desconhecer nossa realidade histórico – arquitetônica e urbana. Daí surgiu a necessidade de reformular ou formular instrumentos historiográficos adequados para a compreensão e análise dessa realidade (WAISMAN, 2013, p.25).

## **RECONHECENDO AS OBRAS DA ARQUITETA BROWN**

Os sinais de apagamento da produção negra são evidentes, excedem as constatações que foi possível realizar, de maneira sistemática, nas nossas pesquisas. É raro que as bibliografias dos cursos indiquem mulheres ou pessoas negras; mais raro ainda é que indiquem a produção de mulheres negras, cuja presença no debate universitário e intelectual é extremamente apagada (RIBEIRO, 2019, p.63).

Além de iniciar o mapeamento das arquitetas em geral, e as arquitetas negras em especial, na arquitetura brasileira do século passado, a pesquisa realizou estudos de caso de reconhecimento crítico e referenciado (ZEIN, 2019, p.23) sobre algumas das principais obras brasileiras que contaram com a participação da arquiteta negra Georgia Louise Harris Brown. Essa arquiteta foi escolhida pela relevância das obras dos escritórios em que participou, algumas delas publicadas nas edições da revista Acrópole, ainda que algumas vezes nas secções de anúncios de materiais e serviços de arquitetura e construção, ou mencionando apenas o arquiteto proprietário dos escritórios.

Figura 1: Desenho digital do rosto da arquiteta Georgia Brown



Fonte: Arte da desenhista Juliana Nunes Watanabe, 2023

Os dados biográficos dessa arquiteta foram encontrados nos escritos pioneiros de Anat Falbel e Roberta Washington (2017, 2021). Brown nasceu em junho de 1918; em 1944 recebeu o título de Bachelor of Science em arquitetura na Universidade do Kansas (EUA). Ainda nos Estados Unidos, trabalhou no escritório Frank J. Kornacker Associates, Inc. e fundou uma firma de engenharia e arquitetura, a General Engineers and Designers Co., junto ao engenheiro Woodrow Wyne. Em 1953 ela veio para o Brasil, onde permaneceu até 1993. Nesse período trabalhou em escritórios como Charles Bosworth Sociedade Civil de Engenharia Ltda., e Racz Construtora; e atuou em escritórios de arquitetura próprios, a Escandia Ltda., a Brown Bottene Construtora Ltda. e a Gryphus Arquitetura Ltda. Em 1993 retornou aos EUA, onde veio a falecer em 1999. Durante sua atuação no Brasil participou de diversas obras no estado de São Paulo, a maioria delas obras industriais.

Tabela 1: Locais em que a arquiteta Georgia Brown trabalhou no Brasil

Período	Escritório brasileiro
1953 - 1956	Charles Bosworth Sociedade Civil de Engenharia Ltda.
1954 - 1957	Escandia Ltda.
1956	Construtora Bosworth Ltda.
1956 - 1962	Hedeager Bosworth do Brasil S/A Engenheiros, Arquitetos e Construtores
1962 - 1969	Hoffman Bosworth do Brasil S/A – Engenharia, Arquitetura e Construções
1963 - 1970	Racz Construtora S.A
1970	Hoffman Bosworth Engenharia S.A
1970 - 1993	Louise Harris Brown Architect
Década 1980	CIA Territorial e Urbana Paulista Ltda
Década. 1980	CIA Comercial Agrícola e Industrial Grama
Década. 1980	CIT Pavimentação e Terraplanagem Ltda
Década. 1980	Emprimo Empreendimentos Imobiliários Ltda
Década. 1980 – 1993	Brown Bottene Construtora Ltda.
Sem dados - 1993	Gryphus Arquitetura Ltda.

Fonte: Sistematização das informações das fontes Falbel & Washington (2017 e 2021).  
Produzida pelas autoras.

Apesar de mencionadas nos estudos já existentes (FALBEL; WASHINGTON, 2017 e 2021); (SANTOS, 2006), as obras arquitetônicas dos escritórios com participação da arquiteta Brown, realizadas no Brasil, ainda foram pouco estudadas. Como boa parte dessas obras é de uso industrial, pode-se considerar que esse fator teria acrescentado mais uma “camada de invisibilidade”, complicando ainda mais o reconhecimento de seus trabalhos. Ademais, infelizmente, uma boa parte dessas obras já foi demolida e/ou grandemente transformada, dificultando ainda mais seu estudo.

Tabela 2: Obras com participação da arquiteta Georgia Brown

Obra	Locas	Data 01	Data 02
Edifício National City Bank	São Paulo	Déc. 50	-
Ford Motors do Brasil	Osasco	1957 - 1963	-
Irlimp Purplator S/A	São Paulo	1957 - 1963	1972 - 1973
Pfizer Corporation do Brasil	Guarulhos	1960	-
Pravaz Recordati Laboratórios S/A	São Paulo	1960 - 1963	-
Trorion S/A	Diadema	1963 - 1965	-
Arndt Von Bohlen und Halbach	Angatuba	1967 - 1968	-
Edda Frost	São Paulo	1968	-
Indústria Kodak do Brasil	São José dos Campos	1969 - 1971	1975 - 1976
Alessandro Giunta	São Paulo	1975	-
Siemens do Brasil	São Paulo	1975 - 1976	-
Instituto Nacional de Previdência Social, Posto de Atendimento Heliópolis	São Paulo	1978	-
Instituto Nacional de Previdência Social, Posto de Atendimento Ipiranga	São Paulo	1978	-
Residência Paulo Aranha	São Paulo	1986	-

Fonte: Sistematização das informações das fontes Falbel & Washington (2017 e 2021); Santos (2006), Acrópole (1955). Produzida pelas autoras.

Inicialmente a pesquisa pretendia realizar buscas nos arquivos municipais das cidades onde estão as obras projetadas pela arquiteta Brown; desejava-se ademais realizar o levantamento gráfico e fotográfico *in situ* de algumas dessas obras, dentre as que ainda existem fisicamente. Entretanto, a situação extrema de isolamento social causada pela pandemia de COVID – 19 (2020 – 2), que coincidiu com a proposição e realização da pesquisa, inviabilizou o acesso de informações nos arquivos físicos e as visitas às obras. Por exemplo, o acesso nos acervos da prefeitura de São José dos Campos e da prefeitura de São Paulo é feito somente presencialmente, situação impeditiva face à pandemia. Como alternativa, foram utilizadas informações encontradas digitalmente em revistas, teses, websites e livros de arquitetura.

## ESTUDOS REFERENCIADOS: A ARQUITETA BROWN

### National City Bank, São Paulo, SP

Publicado na Revista Acrópole, em agosto de 1955 (ed. 202, p.459-465), o National City Bank teve ali sua autoria atribuída aos profissionais Lúcio da Costa Lima, Charles Bosworth e Welton Becket. Entretanto, as pesquisadoras Falbel e Washington afirmam a participação de Brown no processo de desenvolvimento do edifício.

Segundo consta na publicação, o projeto tinha área de 19600m<sup>2</sup>, estando localizado no bairro República, São Paulo, entre as Avenidas São João e Ipiranga, com acesso principal pela Ipiranga. Possui 14 pavimentos mais dois subsolos, em estrutura de concreto armado, com pisos e forros “de material isolante de ruído” (ACRÓPOLE, 1955).

A volumetria do edifício, atendendo às normas urbanísticas da época, define alturas variadas para cada face. Certa uniformidade é garantida pelo formato repetitivo das janelas, de mesmas dimensões, aplicadas em todo o edifício uma paginação regular.

Figura 2: Janelas do National City Bank (SP)



Fonte: Acervo pessoal, 2021

### Kodak Brasileira Comércio e Indústrias Ltda., São José dos Campos, SP

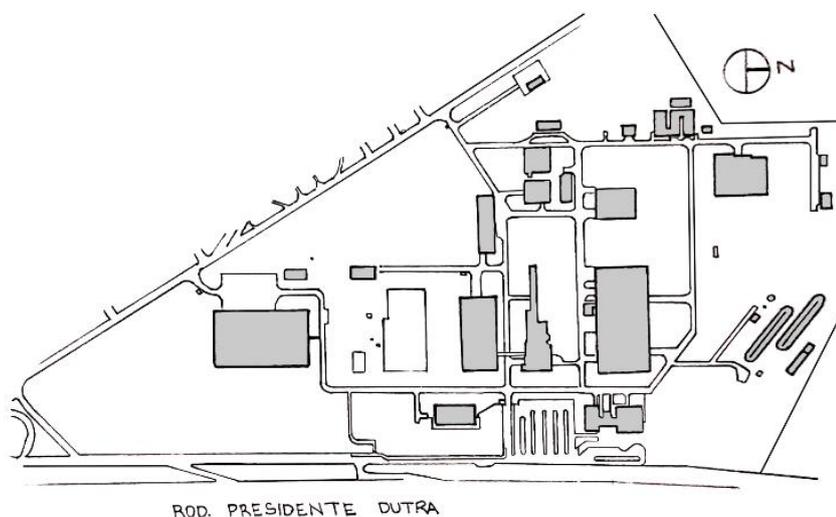
A indústria Kodak Brasileira foi instalada em São José dos Campos em 1969, “um lugar estratégico para os dois principais mercados consumidores, Rio de Janeiro e São Paulo” (SANTOS, 2006), com projeto sob a coordenação de Georgia Brown.

O terreno de implantação é delimitado pela Rodovia Presidente Dutra e pela Avenida George Eastman e possui formato triangular. A indústria

possui elementos como a ponte de conexão no primeiro pavimento entre os edifícios de fabricação e de acondicionamento e depósito, provavelmente para facilitar o transporte de produtos, após serem fabricados, para o depósito.

Além disso, a arquiteta fez uso de vigas calha para a cobertura da Casa de Máquinas, destacando o edifício do restante dos blocos, o que "expressa ali o esforço da arquiteta em conciliar a expressão formal com as exigências funcionais solicitadas à arquitetura" (SANTOS, 2006).

Figura 3: Implantação esquemática da indústria



Fonte: Redesenho feito pela autora com base no livro "Arquitetura Industrial" (SANTOS, 2006), 2023

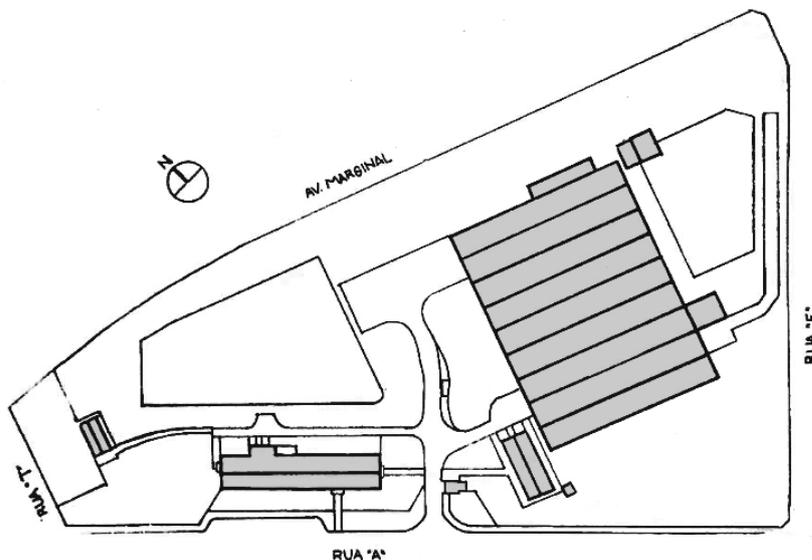
### **Ford Motors do Brasil S.A, Osasco, SP**

O projeto foi publicado na Acrópole em junho de 1959 (ed. 248, p.288-291), com autoria atribuída ao arquiteto Niels Hedeager e sua construção ao escritório Hedeager Bosworth do Brasil. Entretanto, as pesquisadoras Falbel e Washington afirmam a participação de Brown no processo de desenvolvimento do edifício.

A indústria estava localizada próximo ao rio Tietê, em um terreno limitado pela Avenida Marginal, em Osasco (SP). A entrada principal era pelo lado oposto da avenida, próxima aos escritórios que eram "amplos, bem arejados e iluminados" (ACRÓPOLE, 1959).

Possuía vários blocos na sua implantação, entre eles a Fábrica. Esse edifício era o maior bloco do projeto e abrigava "todas as operações, as de fabricação de modelos, a moldagem, a preparação de areia, os fornos elétricos e as linhas de fundição" (ACRÓPOLE, 1959). Além disso, o prédio da fábrica tinha cobertura em sheds ocultas pela platibanda e fachadas de alvenaria aparente. Atualmente o terreno da indústria é de uso residencial, dividido em 14 quarteirões.

Figura 4: Planta de situação da indústria



Fonte: Redesenho feito pela autora com base na revista Acrópole (ed.248), 2023

### **Lion S.A Engenharia e Importação, São Paulo, SP**

A indústria Lion S.A Engenharia e Importação foi divulgada pela Acrópole em novembro de 1957 (ed. 229, p.8-13) e junho de 1961 (ed. 271, p.244-246); a revista atribuiu o projeto ao escritório Hedeager Bosworth do Brasil.

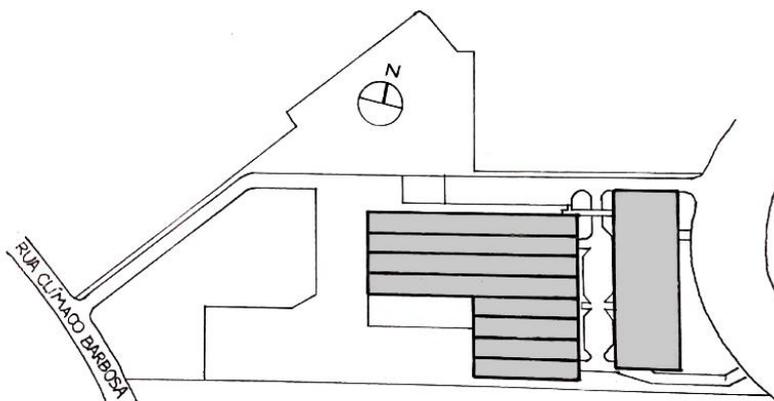
O terreno de implantação está localizado ao lado da Avenida do Estado, em Cambuci, São Paulo e possui formato triangular. O projeto foi desenvolvido em dois blocos: um conjunto administrativo e uma oficina e armazém de peças, ligados por uma travessia no primeiro pavimento.

A cobertura do conjunto administrativo era feita com laje cogumelo e grandes vigas calhas, assim como a Indústria Kodak, em São José dos Campos, além disso possuía uma marquise de 4,80m e sua estrutura era de concreto armado (ACRÓPOLE, 1961).

O segundo bloco abrigava os armazéns e as oficinas, que possuem um eixo de divisão entre os espaços. Sua cobertura era em sheds, as telhas de fibrocimento (ACRÓPOLE, 1957), as treliças eram metálicas e sua estrutura de aço (ACRÓPOLE, 1957).

Em consulta ao site GeoSampa constatou-se que a obra foi demolida entre 1988 e 2004; atualmente o terreno é ocupado por uma rede de supermercados e uma área destinada a um shopping.

Figura 5: Planta de situação da indústria



Fonte: Redesenho feito pela autora com base na revista Acrópole (ed.229), 2023

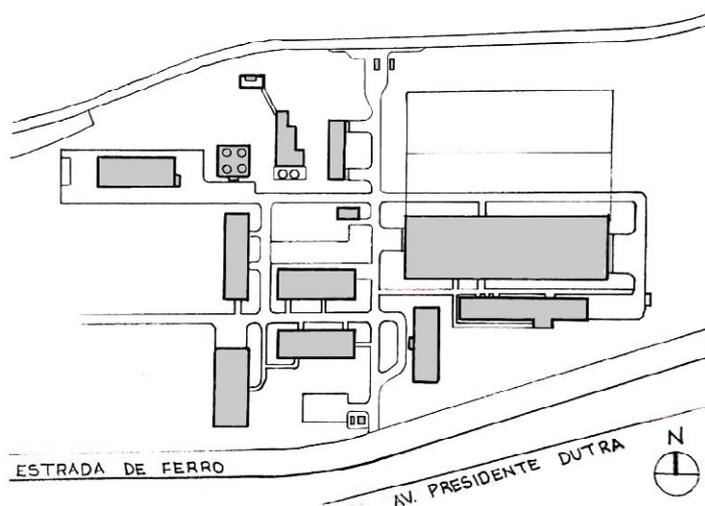
### **Pfizer Corporation do Brasil, Guarulhos, SP**

A indústria Pfizer foi publicada pela Acrópole em dezembro de 1960 (ed. 266, p.55-57) e em outubro de 1963 (ed. 300, p.354-356), que atribuiu o projeto ao arquiteto Niels Hedeager e a construção ao escritório Hedeager Bosworth do Brasil.

A obra está localizada próxima ao Rio Tietê, em Guarulhos, com entrada pela Via Presidente Dutra. A implantação se consiste em 15 blocos, a estrutura era de concreto aparente e os fechamentos em alvenaria de blocos de concreto aparentes. No bloco da fabricação foram utilizados brises horizontais para o controle da entrada da insolação.

No edifício da administração as vedações internas podem ser mudadas de posição, ampliando a possibilidades de plantas, além disso também dispões de brises e colunas aparentes na fachada.

Figura 6: Implantação esquemática da indústria



Fonte: Redesenho feito pela autora com base na revista Acrópole (ed.266), 2023

## **AS ARQUITETAS NEGRAS MODERNAS**

Além das obras da arquiteta Brown, caso principal de interesse da pesquisa, os mapeamentos e buscas, nas fontes pesquisadas, das profissionais negras atuantes do século 20 no Brasil chegou a pelo menos duas outras referências: a arquiteta Lota de Macedo Soares (1910 – 1967) e a engenheira Enedina Marques (1913 – 1918). Foram levantadas algumas informações sobre um projeto em que cada uma teve participação: o Parque do Flamengo (1961 – 1964) e o Colégio Estadual do Paraná (1944 – 1950), respectivamente.

### **Lota de Macedo Soares (1910 – 1967)**

Na leitura de várias fontes acadêmicas para busca de informações sobre a biografia dessa autora, nenhuma a identificava como uma mulher negra. Entretanto, é objetivo da pesquisa “restituir humanidades negadas” (XAVIER apud RIBEIRO, 2020, p.22) e por isso, após observações de fotos e indicações de arquitetas que estudam o assunto<sup>3</sup>, Soares foi incluída na pesquisa.

Maria Carlota Costallat de Macedo Soares, mais conhecida como Lota de Macedo Soares, nasceu em março de 1910, na França e era filha de brasileiros. Frequentou cursos de pintura na Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro e cursos no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque; entretanto não cursou aulas de Arquitetura e Urbanismo, sendo autodidata.

Foi convidada pelo governador do estado de Guanabara, Carlos Lacerda, para integrar a equipe do Departamento de Parques na Secretaria Geral de Viação e Obras e a equipe da Superintendência de Urbanização e Saneamento (SURSAN), para coordenar o Parque do Flamengo. Após a morte da arquiteta, Carlos Lacerda escreveu uma nota acerca de Lota Soares com o parque: “Mas o que fica do parque, se ele existe, se ele sobrevive, tudo isso se deve àquela miúda e franzida criatura, toda nervos, toda luz, que se chamou Dona Lota” (MORALES, 2010).

### **Parque do Flamengo**

O projeto do parque teve início em 1961, finalizado em 1964 e tombado como patrimônio histórico pelo IPHAN 1965. Está localizado no Aterro do Flamengo e para sua execução, a SURSAN elaborou um grupo de trabalho, constituído por arquitetos, engenheiros, paisagistas para a execução do projeto, sob a coordenação de Soares.

O projeto teve grande importância para a construção urbana contemporânea do Rio de Janeiro ao facilitar a circulação viária enquanto priorizava também o pedestre, incorporando o lazer contemplativo e cultural, além dos espaços para atividades recreativas.

Figura 7: Foto aérea do parque, 1962-1964



Fonte: BNDigital (Biblioteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional)<sup>4</sup>

### **Enedina Alves Marques (1913 – 1981)**

Embora Enedina Marques tenha se graduado como engenheira civil, foi incluída na pesquisa por de fato ter exercido como arquiteta, em um período em que ambas as profissões ainda estavam bastante conectadas, e muitos profissionais optarem pelos estudos de engenharia devido à ausência de cursos de arquitetura em suas regiões. Foi a primeira mulher formada no curso de engenharia civil no estado do Paraná (SANTANA, 2013) e a primeira mulher negra engenheira do Brasil (SANTANA apud Santos; Moreira, 2017), e sua atuação foi de grande relevância para a luta antirracista e feminista.

Nascida em janeiro de 1913, em Curitiba (PR) se formou como professora normalista em 1931, atuando com estudos para alfabetização e como professora pública. Iniciou sua graduação em 1940 na Faculdade de Engenharia do Paraná (FEP) e se formou em 1946. Participou de diversos projetos no estado, entre eles o Colégio Estadual do Paraná.

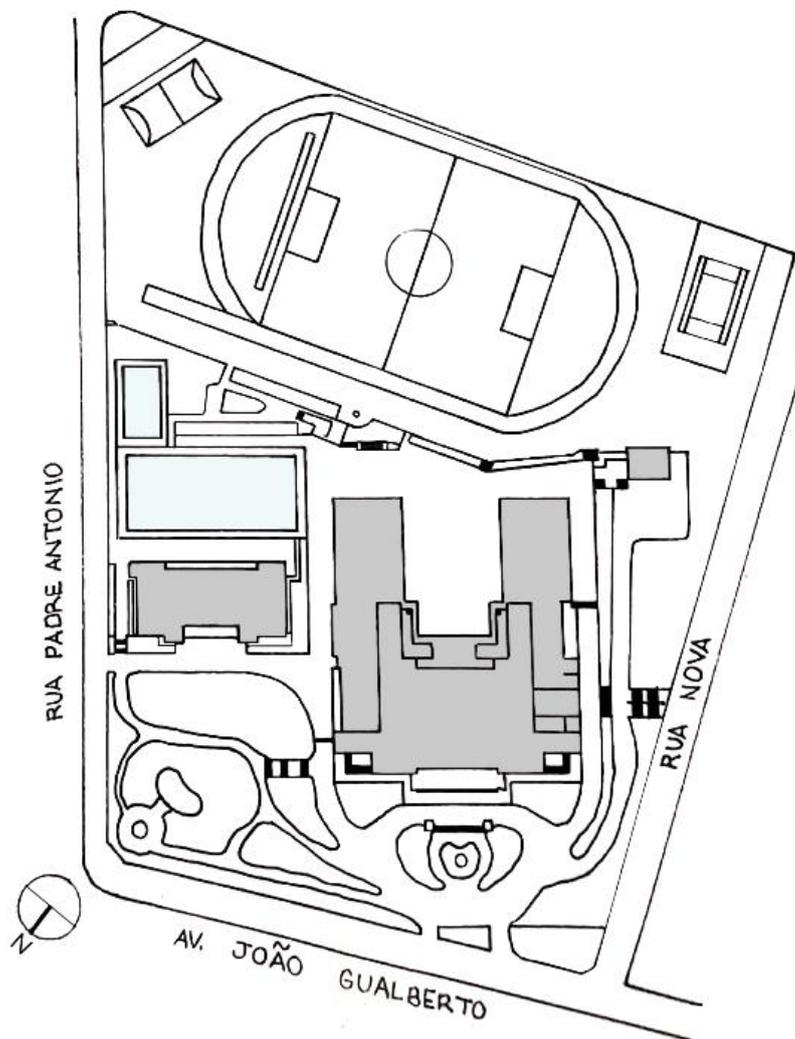
### **Colégio Estadual do Paraná**

A construção do prédio atual do colégio foi iniciada em 1944 e finalizada em 1950. Fontes como o pesquisador Jorge Luiz Santana afirmam a participação de Marques no projeto, em conjunto com o arquiteto Ernesto Máximo.

O Colégio Estadual do Paraná está localizado em Curitiba (PR), tem área total de 40000m<sup>2</sup> e área construída de 20000m<sup>2</sup>, com cinco pavimentos, um subsolo. A sua estrutura é de concreto armado e a vedação de alvenaria.

No pavimento térreo foram posicionadas as salas para atividades administrativas e nos pavimentos superiores, as salas destinadas para ensino. “Pode-se afirmar que a instalação dessa instituição foi única em Curitiba até hoje, construída com toda a imponência e grandiosidade” (CORREIA, 2004, p.152).

Figura 8: Planta de situação do colégio



Fonte: Redesenho feito pela autora com base na imagem do Arquivo Público do Paraná publicada na dissertação "História & arquitetura escolar: os prédios escolares públicos de Curitiba (1943 - 1953)" (CORREIA, 2004)

## CONCLUSÃO

O presente artigo nasceu de uma pesquisa inicial, cujo objetivo é o de colaborar com a ampliação do cânon pelo reconhecimento e resgate de visibilidades do repertório profissional, ampliando a inclusão de minorias sociais.

O interesse por esse estudo surgiu de um sentimento pessoal das autoras, na percepção de que as contribuições profissionais das minorias sociais não vêm sendo contempladas, de maneira adequada e igualitária, nos cursos e estudos acadêmicos. Em contraponto a essa invisibilização, a pesquisa procurou evidenciar, de maneira sistemática, ainda que preliminar, a presença profissional das mulheres arquitetas, em especial as mulheres negras. Nesta etapa, a pesquisa se concentrou em algumas das fontes já disponíveis digitalmente, como as revistas Acrópole e Casa & Jardim. Os resultados sugerem que outras informações poderão ser

evidenciadas, a partir de levantamentos em outros veículos de divulgação, os quais se pretende seguir pesquisando, em próximas etapas.

Os resultados também ajudam a demonstrar a tripla invisibilidade das profissionais arquitetas negras, apesar de se haver confirmado, ainda que inicialmente, sua participação na construção da arquitetura brasileira. Esse apagamento também ocorre no caso das mulheres arquitetas em geral; inclusive pelo fato de grande parte das autorias de projetos e obras, nas fontes consultadas, serem atribuídas somente a um profissional, o titular do escritório, raramente esclarecendo todos os nomes das equipes de projeto. Mulheres, em especial mulheres negras, estão presentes no campo da arquitetura e do urbanismo moderno. Porém ainda estão invisíveis, não comparecendo explicitamente nas publicações de periódicos e pouco sendo mencionadas em outras publicações.

Nesse sentido, este artigo e a pesquisa original se conecta com a recente preocupação pelo resgate de personalidades na história da arquitetura moderna importantes, mas ainda pouco reconhecidos, confirmando a presença de profissionais negras na arquitetura moderna brasileira. A partir dos resultados obtidos, além de sua importância objetiva, esperamos também poder transmitir, subjetivamente, um pouco de esperança à todas as jovens mulheres e negras que sonham em ser arquitetas e urbanistas. "Afim, o antirracismo é uma luta de todas e todos" (RIBEIRO, 2019, p.15).

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos às arquitetas e arquitetos que se disponibilizaram para conversas e entrevistas, sendo elas: a arquiteta Júlia Mendonça, Vilma Patrícia, Zaida Muxi, Gabriela de Matos e os arquitetos Paulo Bruna e Ademir Pereira dos Santos. Também agradecemos à arquiteta Dely Bentes pela disponibilização dos nomes femininos citados na revista Casa & Jardim e ao coletivo Arquitetas Invisíveis pela indicação de artigos para procura de arquitetas negras pioneiras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACRÓPOLE. São Paulo: Acrópole, 1938 – 1971. Disponível em: <http://www.acropole.fau.usp.br/>. Acesso em: 20 ago. 2022.

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro: Editora Jandaíra, 2020.

ALMEIDA, Silvio; RIBEIRO, Djamila (coord.). **Racismo Estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2020. (Feminismos Plurais).

ÁLVAREZ, Eva; GÓMEZ, Carlos. **The Invisible Woman: How females architects were erased from history. The Architectural Review**, [s.l.], 8 mar. 2017. Disponível em: The Invisible Women: How female architects were erased from history - Architectural Review ([architectural-review.com](http://architectural-review.com)). Acesso em: 06 abr. 2021.

BENTES, Dely. **Arquitetura Cotidiana**: Projetos residenciais publicados na revista Casa & Jardim (1977-1992), c2022. Disponível em: Arquitetura Cotidiana – Projetos residenciais publicados na revista Casa & Jardim (1977-1992). Acesso: 17 ago. 2022.

CHENG, I.; DAVIS II, C. L.; WILSON, M. O. **Race and Modern Architecture: A Critical History from the Enlightenment to the Present.** Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2020.

CORREIA, Ana Paula Pupo. **História & Arquitetura Escolar: os prédios escolares públicos de Curitiba (1943-1953).** 2004. Dissertação (Mestrado em História e Historiografia da Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004. Disponível em: [http://www.ppge.ufpr.br/teses/M04\\_correia.pdf](http://www.ppge.ufpr.br/teses/M04_correia.pdf). Acesso em: 20 ago. 2022.

FABEL, Anat; WASHINGTON, Roberta. Georgia Louise Harris Brown: a única mulher do escritório. In: ANTICOLI, A.; CHIARELLI, S.; CRITELLI, F.; OSSANI, T. **Arquitetura do patrimônio moderno paulista: reconhecimento, intervenção, gestão.** São Paulo, 2017. p.217-229.

FABEL, Anat; WASHINGTON, Roberta. In: ZEIN, Ruth Verde (org.). **Caleidoscópio Moderno: Fragmento de arquitetura Moderna em São Paulo.** São Paulo: Romano Guerra, 2017. P. 185-200.

FALBEL, Anat; WASHINGTON, Roberta. Georgia Louise Harris Brown. **Pioneering Woman of American Architecture.** Estados Unidos, c2021. Disponível em: <https://pioneeringwomen.bwaf.org/georgia-louise-harris-brown/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

MORALES, Lúcia Arrais. **Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop: projetos interrompidos.** Santa Catarina, 2010. Disponível em: [http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1277920454\\_ARQUIVO\\_LotadeMacedoSoareseElizabethBishopprojetosinterrompidos.pdf](http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1277920454_ARQUIVO_LotadeMacedoSoareseElizabethBishopprojetosinterrompidos.pdf). Acesso em: 20 ago. 2022.

MUXI M., Zaida. **Mujeres, Casa y Ciudades.** Más allá del umbral. Barcelona: DPR, 2018.

OSINSKI, D. R. B.; SANTINI, J. B. Espaço e materialidades para o ensino do desenho e de trabalhos manuais: o caso do Colégio Estadual do Paraná (década de 1950). In: **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional.** Curitiba, 2019. p. 213 – 233. Disponível em: [file:///C:/Users/user/Desktop/Espaco\\_e\\_materialidades\\_para\\_o\\_ensino\\_do.pdf](file:///C:/Users/user/Desktop/Espaco_e_materialidades_para_o_ensino_do.pdf). Acesso em: 20 ago 2022.

RIBEIRO, Djamila (coord.). **Lugar de Fala.** São Paulo: Jandaíra, 2020. (Feminismos Plurais).

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista.** 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTANA, Jorge Luiz. Enedina Alves Marques: a trajetória da primeira engenheira do sul do país na faculdade de engenharia do Paraná (1940-1945). **Revista Vernáculo**, nº28, p. 42-75, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/33232>. Acesso em: 20 de ago. 2022.

SANTANA, Jorge Luiz. **Rompendo barreiras: Enedina, uma mulher singular.** 2013. Monografia (Bacharelado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/novembro2013/historia\\_artigos/santana\\_m.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/novembro2013/historia_artigos/santana_m.pdf). Acesso em: 20 ago 2022.

SANTOS, Ademir Pereira dos. **Arquitetura Industrial: São José dos Campos.** São José dos Campos: Takano Editora Gráfica, 2006.